

Reprovados por antecipação

Falta de professores deve impedir que mais de cem mil alunos se formem este ano

Marcelo Sayão

Patricia Faria

Eles não tiveram a chance de errar, nem de tirar notas vermelhas. Mesmo assim, já foram reprovados. O Estado do Rio está mal educado e vive uma situação dramática: por falta de professores, 103 mil alunos da rede estadual de ensino, que estão na 3ª série do Segundo Grau, não conseguirão se formar no final do ano, adiando assim o sonho de disputar uma vaga numa universidade ano que vem. Os dados são do Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação (Sepe). De acordo com a coordenadora-geral do Sepe, Adriana Freitas, o problema se arrasta desde o ano passado.

O levantamento foi feito com base no número de matrículas e em informações repassadas pelas 30 coordenadorias regionais do sindicato.

— Nós sabemos que o salário não atrai ninguém, muito pelo contrário, expulsa. Por dia, saem das salas de aula seis professores, estatística publicada pelo Diário Oficial. Se ninguém parar para pensar nisso, a escola pública terá de fechar as portas num futuro muito próximo — disse Adriana.

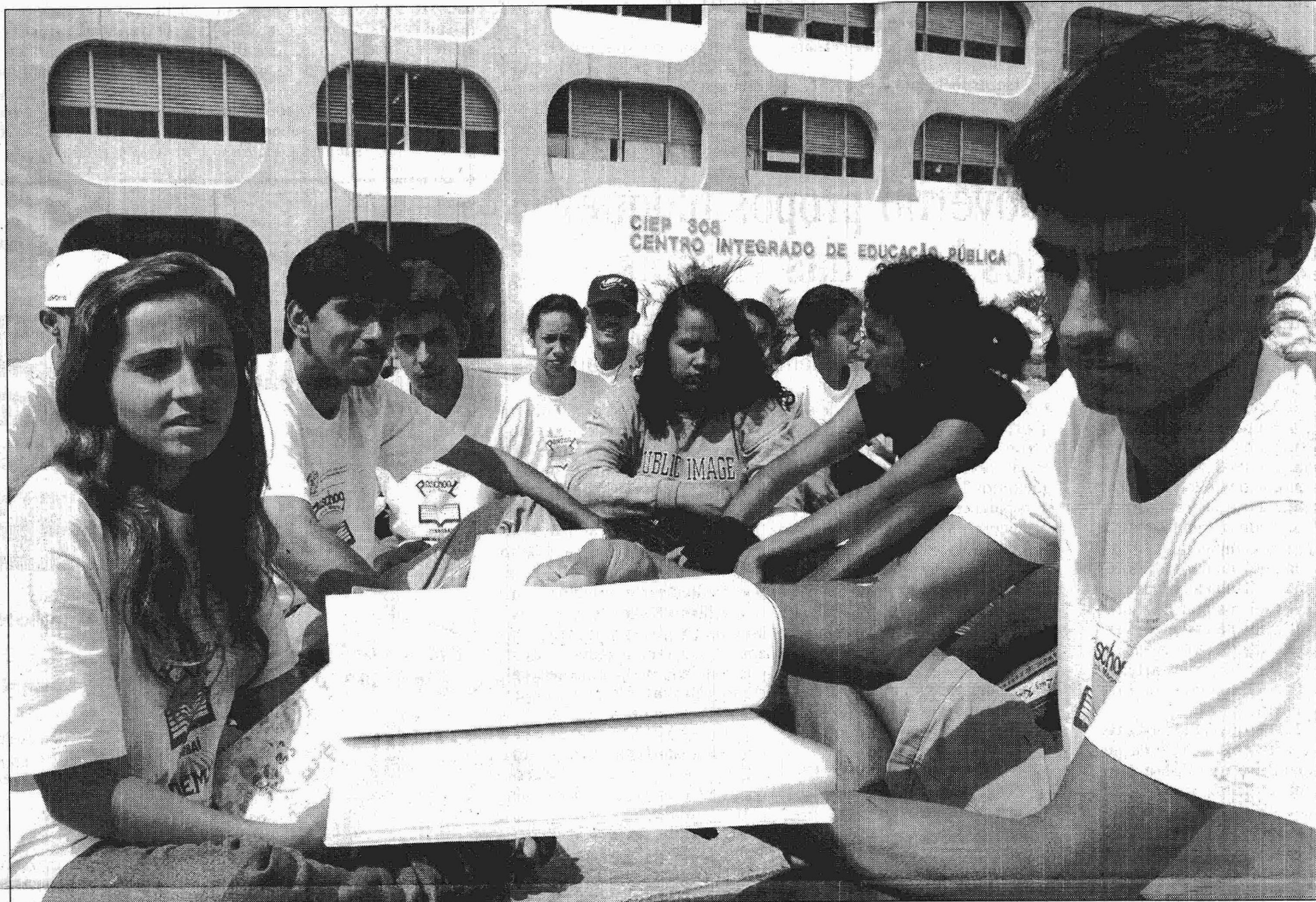
Situação também é crítica para os estudantes da 8ª série

Segundo ela, cursam hoje o Segundo Grau 258.923 estudantes. Desses, pelo menos 40% não terão chances de se formar simplesmente porque nunca viram, desde o início do ano letivo, professores de física, química, geografia, matemática e biologia. Realidade que não pode ser maquiada na grade curricular, muito menos nos boletins, onde o lugar dessas disciplinas está em branco. Adriana Freitas alerta que a legião de alunos prejudicados cresce se forem levados em conta os alunos da 8ª série da rede estadual:

— O número pode até dobrar se computarmos esses estudantes que sofrem com a carência de professores, que é muito grande, principalmente nos municípios de Duque de Caxias, São Gonçalo, Itaboraí, São João de Meriti e Campos — afirmou.

A Secretaria estadual de Educação não arrisca números, diz que o Sepe superestimou o problema, mas admite que há muitos alunos prejudicados por uma falta crônica de professores. Afinal, quem se interessa em ganhar um salário inicial de R\$ 100 mais um abono de R\$ 115,96 por mês? Com uma rede que tem cerca de um milhão de alunos, 71 mil professores em sala de aula, 2.092 escolas e uma média salarial, para quem tem mais de dez anos de magistério, em torno de R\$ 315 brutos, é difícil conter a sangria desatada da rede estadual.

O secretário estadual de Educação, Fernando Pinto, começou o ano afirmando que a carência de professores chegava a 11 mil profissionais. Apesar de seus esforços, ele sabe que tem pela



JUNTO A SEUS COLEGAS do Ginásio Público 308, em Itaboraí, um estudante mostra o caderno em branco, símbolo da falta de professores que deixou a 3ª série sem aulas de química

frente uma missão praticamente impossível: conseguir fazer com que milhares de alunos não percam o ano.

— Contratamos mais de dois mil professores. Só que muitos deles ainda não chegaram às salas de aula. Eu sei também que até esses que se habilitaram nem vão chegar efetivamente às escolas porque não querem ganhar o que oferecemos. Chegamos a uma situação crítica, eu sei. Mas sei também que estou muito preocupado com tudo isso. Estamos colocando pessoas nas escolas. No entanto, não existe nenhum professor de química, física, matemática e biologia, das chamadas áreas de ciências, que queira trabalhar para o estado — disse o secretário.

E a falta desses profissionais que nem se interessam mais pelo magistério — nas universidades federais do Rio a procura para licenciatura nessas disciplinas caiu pela metade nos últimos anos — pesará no currículo e na vida de milhares de jovens. No Ginásio Público (GP) 308, em Itaboraí, 90 alunos que ho-

je estão na última série do Segundo Grau não viram, um dia sequer deste ano, um professor de química. Física? Tiveram apenas uma aula na semana passada.

— Nós estamos é perdendo nosso tempo — dasabafou Adriana Ayres Pacheco, de 18 anos, aluna da 3ª série. — Ano passado foi a mesma coisa. Não tivemos sequer aulas de matemática. Imagine que rendimento nós podemos ter. Nem com mágica vamos passar de ano. Isso não é absurdo, é vergonhoso.

No GP 308, só o esforço dos professores diminui a intensidade da crise em que a escola vive. Apenas dentro de alguns dias, por exemplo, a turma que deveria ter se formado no ano passado receberá os diplomas.

— Nós fazemos de tudo pelos meninos. Só que eu não aguento mais. Ano passado não tínhamos professor de matemática, geografia, química, física e português — disse o diretor, Adailton Paes de Lima.

Na mesma escola, a professora que

trabalhava como secretária, Marlene Monteiro Vieira, foi para o quadro-negro. Hoje ela é a única professora de inglês, dá aula para 14 turmas e mesmo assim começou há um mês. Ela reconhece que achar que se poderá compensar o tempo perdido é uma ilusão. Para piorar, as turmas de 8ª série do GP também não têm professores.

Ainda em Itaboraí, a direção do Ciep 453 tomou uma decisão para enfrentar a falta de profissionais. Juntaram-se várias turmas para aproveitar os professores e suprimiram-se a 1ª e a 3ª série do Segundo Grau. Assim, pelo menos os alunos da 2ª série têm estudo garantido.

— Decidimos que pelo menos esses alunos, fora os do Primeiro Grau, que estão bem assistidos, terão aulas de tudo. De que adiantaria deixar três séries com buracos? — disse o diretor adjunto, José Mauro Menezes de Almeida.

Em Duque de Caxias, segundo o Sepe, faltam 1.500 professores. Dados contestados pela Secretaria de Educação, que

diz não haver mais tantos problemas no município. Somente no Colégio Estadual Guadalajara, no bairro Olavo Bilac, todas as turmas da 5ª à 8ª série do turno da noite estão, desde o início do ano, sem professores de geografia, história e português.

Na Gávea, alunos do Colégio Estadual André Maurois contrataram um estudante da PUC para lhes dar aulas de matemática. Em Xerém, no começo do ano, os alunos que estariam para deixar o Segundo Grau do Colégio Estadual Fernando Figueiredo também contrataram o seu professor particular. O dinheiro saiu de uma caixinha. Para cada um, por mês, a aula saía por R\$ 2. A diretora descobriu, impediu o grêmio do colégio de organizar as aulas e o resultado é que os estudantes deixaram de ter aulas de matemática.

— Estamos numa enrascada — disse Arly Tavares, de 19 anos. — O que vai ser de nós? Como vou fazer vestibular? Já soube que ano que vem vamos ter que voltar para a escola. ■